



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Sujeito, Mediação e Narrativa: Quadros de alteridade na Zona de contato.

Autoria: Mariá Batalha Carvalho Machado (outro)

Existem espaços desconhecidos as percepções humanas, às vezes a relação das pessoas com o tempo e work não as deixa enxergar as assimetrias da coletividade, existe uma zona, uma ponte, que se transcultura de um ciclo para outro, as linguagens se entrelaçam, os movimentos dos pés, das mãos, da boca, dos olhos, há alteridade e dominação nos caminhos que se formam na contemporaneidade. Este artigo traz uma reflexão sobre a relação de sociabilidade e alteridade entre indígenas e não indígenas na Amazônia em espaços denominado pela antropóloga Mary Louis Pratt - como Zona de Contato, essas Zonas são espaços onde culturas diferentes se encontram em relações assimétricas de dominação e subordinação compulsórias percebidas nas terras baixas da América Latina, também relatada na África, Oriente ou qualquer espaço onde o capital contemporâneo domina. Diante a um processo de dominação, onde pensamentos de hierarquia, senso de superioridade, individualistas e capitalizados se apropriam de um todo na contemporaneidade, a historiografia antropológica salta como uma arma política junto aos movimentos sociais contra o poder hegemônico. Diante disso, o artigo tem como objetivo específicos traçar uma revisão bibliográfica das categorias da construção da pessoa, das narrativas indígenas e mediação, frisando a complexidade da construção do sujeito indígena amazônico e as narrativas como representação social e instrumento político nas zonas escritas das folhas de papel. A ideia é de entender como agentes indígenas podem se apropriar e



reconfigurar símbolos de outras culturas de acordo com a perspectiva cosmológica dos mesmos durante o contato interétnico, não frisando as distinções dos agentes, mas compreendendo a complexidade do processo de alteridade na Amazônia. O agente utilizado aqui cabe no sentido de ser parte e participante da estrutura que o molda na mesma perspectiva que a estrutura é moldada por ele, dando voz ao sujeito indígena como ativista de mudanças estruturais. Nesse work foi realizado uma pesquisa bibliográfica, sendo lidos, consultados, pensados, extraído diálogos de autores que abordam sobre a perspectiva Yanomami, Andina, Wapichana do contato interétnico com objetivo de trazer uma reflexão sobre a alteridade nos espaços das zonas de contato.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: